

INTERVENÇÃO EM CONTAR ESTÓRIA INFANTIL: UMA RELAÇÃO COM OS COMPORTAMENTOS DE ESCOLHA DE MATERIAL ESCOLAR E ATIVIDADES EM SALA DE AULA

(2006)

Ana Paula Martinez

Prof.ª de Psicologia da UNESC. Psicóloga Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Educação Especial - Programa de Pós Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos. Pós Graduada em Gestão Organizacional e Recursos Humanos. Doutoranda em Educação (AE) PPGE - Universidade Federal de São Carlos (Brasil)

Endereço para correspondência:

UNESC –União das Escolas Superiores de Cacoal
Rua dos Esportes, 1038-CXP;161. Tel (69) 4414503
anapama@hotmail.com

RESUMO

Conhece-se muito pouco de comportamentos de crianças em situação de escolha livre, muito embora, estas situações sejam muito frequentes no cotidiano das instituições infantis, uma vez que as educadoras disponibilizam sucatas e materiais e deixam as crianças brincarem livremente.. Os objetivo da pesquisa foram;. verificar se as intervenções de contar estória infantil interferem no comportamento de escolha; verificar se existe um padrão de escolha por tipos de material escolar por faixa etária. Participaram deste estudo 58 crianças carentes. Foi empregado o delineamento ABABC. Os resultados foram discutidos quanto a ordem e frequência de escolha. A ordem de escolha de livros e ouvir estória, para a maioria dos participantes mudou de posição. Em relação a frequência e as médias de escolhas constatou-se que é diferente para cada faixa etária e que mudaram após as intervenções de contar estória.

Palavras-chave: Contar estória, material escolar, escolha livre, educação infantil

Constata-se uma lacuna entre conhecimento existente na área de educação e atendimento a necessidades educacionais principalmente das crianças de zero a seis anos, verificando a prioridade de uma parceria entre os centros de ensino superior e as instituições de ensino primário demonstrando a necessidade e o compromisso de quem produz conhecimento com garantir acesso ao conhecimento produzido a sociedade como um todo. O repertório de leitura é parte das condições que garantem acesso dos indivíduos ao conhecimento e deve, portanto, ser ensinado e estimulado a sua aprendizagem, sob o risco de que o conhecimento permaneça como um instrumento de dominação da minoria sob uma maioria.(Cortegoso, Ronca e Botomé, 1997, Raupp, 2002, Reali e Tancredi, 2002, Misukami e Reali, 2002).

Uma das formas de aproximar a criança do livro e posteriormente do gosto pela leitura, é por meio do contar estórias infantis e cantigas de ninar e de roda, desde os primeiros anos de vida da criança (Machado,2003). Segundo Maria Angélica Dupas (1999), há diferenças significativas entre crianças com e sem estímulo de leitura. Crianças que não estão em ambientes que criam condições para a leitura; narram apenas fatos do quotidiano, possuem repertório pobre, reproduzindo apenas estórias mais conhecidas, empregam frases segmentadas e baixo nível de criação de estórias. Enquanto as crianças estimuladas a ler; acrescentam fatos novos às narrativas, apresentam repertório variado de estórias e poesias mais conhecidas, apresentam texto oral estruturado e as estórias tem início meio e fim, produção de estórias com conteúdos gramaticais mais complexos e temas criativos .

“As pontes que construíram entre as histórias das gerações dos meus pais e a minha foram tão sólidas e úteis, que depois pude utilizá-las para cruzar novamente o rio do tempo , em direção às margens onde estavam meus filhos ou meus netos. “ Machado, 2003, p 38” A autora Machado ressalta também que nesse processo de contar e ouvir histórias, o contato com os elementos fundamentais da lógica narrativa também se aprende, influenciando na trajetória literária da criança no futuro.

A história é a forma comum, simples e direta, adotada a todos os povos em diversas etapas da civilização, para mostrar por meio de seus mitos e heróis, como encaram o amor, a vida, a morte e repassando sua cultura, Não importa qual seja a história - acontecimentos do dia-a-dia, lembranças familiares, tradições, histórias bíblicas, fábulas ou contos de fadas tradicionais, o ouvir histórias gera o desenvolvimento de diversos repertórios que estão sendo estudados por pesquisadores da área de educação infantil, (Fonseca, 2003, Pontes, 2003, Rocha e Lula, 2003).

Quando escuta um conto, além de sentir o adulto como parte da sua realidade e perceber que eles são capazes de sentir e de pensar como ela, a criança tende a se introduzir no enredo, como ela própria ou como um dos personagens. Usando a imaginação "interpreta" mentalmente o que ouve (Araujo, Santos, Gonçalves e Jesus, 2003; Martinez e Gil, 2003; Silveira e Abramovics, 2002).

De acordo com os autores (Silveira & Abramowics, 2002; Fonseca, 2003; Pontes, 2003 e Malba Tahan, 1957) a importância da história infantil se deve a vários fatores decorrentes do contar e ouvir histórias e cantigas. O primeiro fator é o educativo, e o autor ressalta que todos nós guardamos na memória as histórias que ouvimos e cada uma delas pode servir como uma lição, uma advertência. O segundo fator é o instrutivo; Monteiro Lobato mostra que até aritmética, com seus cálculos e suas frações, podem ser ensinadas e apresentadas sobre a forma de história, Júlio Verne apresenta informações importantes no âmbito da geografia e Viriato Correia fez de história do Brasil uma verdadeira narração. O terceiro fator é que a história infantil enriquece o vocabulário facilitando a expressão de articulação, estimula a inteligência e desenvolve o comportamento de pensar infantil, lidando com uma linguagem que é sua podendo fantasiar e recriar a partir do enredo.

Diversos autores (Zilberman, 1982; Goés 1984, Dupas, 1999, Martucci, 1999, Perrenoud, 2000, Abramowics e Wajshop, 1996, Pontes, 2003) enfatizam, ainda, que a história infantil dá condições para a aquisição de conhecimentos gerais, ampliando a experiência da criança. Possibilita a socialização, estimulando a interação entre a criança e o grupo que vive e todo o seu ambiente, e permite o estabelecimento de associações e generalizações, por analogia, entre o que houve e o que conhece no seu dia a dia. Cria, também, uma oportunidade para que a educadora possa conhecer o repertório dos alunos e suas diferenças individuais, o que é evidenciado por meio dos comportamentos dos alunos apresentados como consequência das narrativas, (Reyes, 2002). Os autores ressaltam ainda que dá condições para a aprendizagem de atitudes sociais e morais, por meio da imitação de modelos adequados de situações estimulando comportamentos que são aceitáveis socialmente. Desenvolve e cultiva a sensibilidade e a imaginação, condição essencial para o desenvolvimento da criança e cria condições para o desenvolvimento do ato de memorizar e prestar atenção, ensinando a criança a comparar, a lembrar preparando-se para a vida. Por fim, os autores apontam que ouvir história desenvolve o interesse pela leitura na criança.

Nas palavras de Zilberman (1982, p.22), o uso da literatura infantil na escola se deve ao fato de sua natureza formativa. Alguns aspectos relacionados a funcionalidade da literatura infantil são comuns a alguns autores. Para (Zilberman, 1982; Goés, 1984; Cunha, 1997; Martucci, 1999; Machado, 2002, 2003): A- a literatura infantil está voltada à formação do indivíduo ao qual se dirige: com recursos ficcionais; B- a literatura sintetiza uma realidade (mesmo com o uso da fantasia ou de circunstâncias especiais de tempo e espaço); C- O texto literário proporciona o alargamento de horizontes, uma abertura íntima ou social da realidade vivenciada e recriada individualmente.

Wornicov (1986) e Goés (1984) sintetizam, de maneira clara, as três funções atuais da literatura infantil: A- Literatura como jogo, recreativa, que conduz ao prazer estético, manifestando-se no ritmo, no som, na imagem, no jogo de palavras; B- literatura como evasão: manifestando-se por meio da fantasia, que leva o leitor à vivência de um mundo em que o real e

o imaginário se confundem; C- literatura como compromisso, que possibilita uma visão ampliada do mundo, da vida e do homem e conduz à reflexão. Cunha (1997) expõe que qualquer área do conhecimento ou atividade se desenvolve integrando três áreas vitais do homem: a motora, a cognitiva e a apreciativa, e o contar histórias se desenvolve desta forma .

Zilberman (1982), Wornicov (1986), Silveira e Abramowics (2002) elucidam que à literatura infantil tem sido atribuída a função de proporcionar à criança o conhecimento de si mesma e do ambiente no qual vive, que é primordialmente o da família, depois o espaço circundante e, por fim, a história e a vida social, proporcionando uma visão de mundo que preenche lacunas da restrita experiência existencial. Complementam suas posições ao dizer que a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura e um importante ambiente para o intercâmbio da cultura e a experimentação..

Ao educador cabe detonar múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais, porque estas decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objeto artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado.(Reyes,2002). Para tanto, o educador precisa estar apto à escolha de obras apropriadas ao leitor infantil e ao emprego de recursos metodológicos eficazes, que estimulem a leitura, suscitando a compreensão das obras e o hábito da leitor (Martinez e Teale, 1992; Gadella, 2003; Rocha e Lula 2003; Wiggers 2003; Machado, 2002).

Está sob a responsabilidade dos pais, educador e também do bibliotecário escolar a ênfase na autonomia da literatura infantil em relação a uma finalidade pedagógica (Zilberman, 1984, Martinez, 1990 e Dupas, 1999, Fonseca, 2003) Enfatizam ainda a metodologia impulsionada pode se converter num instrumento imprescindível para que se alcance a principal meta relativa à presença da literatura na escola, qual seja, a conversão do livro num meio de cultura e questionamento. Trata-se de dar relevo à função formadora da leitura. Como mediadores de leitura, o educador, o bibliotecário e os pais contribuirão para a formação do hábito de leitura, que, segundo Góes (op. cit., p.28-29), Dupas (1999); Reali e Tancredi (2001 e 2002), proporciona a formação da criança em vários planos: no dos valores (formação da opinião e do espírito crítico), no racional (formação do pensamento lógico e reflexivo), no plano da linguagem (formação da expressão oral e escrita) e no da cultura (compreensão de si e da vida social).

Uma pesquisa desenvolvida por Martinez, (2002) objetivou verificar se as intervenções de contar história infantil interferem no comportamento de escolha e se existia um padrão de escolha por tipos de material escolar e atividade de ouvir história de acordo com a faixa etária das crianças. Participaram deste estudo 58 crianças de nível sócio econômico desfavorecido, sendo que 34 destas frequentavam uma creche e 19 a primeira série de uma escola municipal... A pesquisa foi organizada em dois períodos da situação de escolha livre e dois períodos da situação de contar e ouvir história empregando o delineamento ABABC ou seja: na fase. A ocorreram as situações de escolha livre (EL), em que estava disponível os materiais escolares para participantes

utilizarem livremente, na fase B a atividade de contar e ouvir estórias (OE), em que a pesquisadora contava estória, e na fase C a situação de escolha livre em que ouvir estória era mais uma opção dentre os estímulos disponíveis em EL1 e EL2. Os materiais foram colocados no chão da sala forrado com jornal. Foram dispostos os seguintes materiais: giz de cera de maior espessura, guache, massa de modelar, caixa de lápis de cor estampado, caneta hidrocor, paper art (papel com espessura da cartolina), livro infantis para as crianças do Maternal II ao jardim II. Foram utilizados brinquedos novos levados pela experimentadora e brinquedos usados em sala de aula no cotidiano da creche para os participantes do Jardim I. Para as crianças da primeira série do ensino fundamental não foi utilizado a massa de modelar. Os livros infantis e os brinquedos foram mudados a cada sessão de forma a sempre ter material novo e material que o participante já conhecia. Ao lado do material também havia um rolo de papel higiênico e dois panos de prato. Um exemplo dos brinquedos usados foram: um urso de pelúcia grande; um urso de pelúcia médio; dois quadrados de borracha; dois carinhos de plástico; dois chocalhos; duas bonecas medindo 30cm de altura cada; dois telefones. Nas situações de escolha livre todas as crianças receberam a seguinte instrução: "*Nestas mesas tem caixas de lápis de cor na caixinha ou soltos aqui, são os mesmos da caixinha; massa de modelar na caixinha ou solta ...você podem pegar para levar para a sua carteira. Na cadeirinha ao lado têm folhas para vocês usarem,. Você podem escolher qualquer um para usar. Se você quiser mudar de material, primeiro devolva o que você pegou no lugar que retirou e depois escolha outro material.*".

Na condição de Contar estória, as crianças do jardim, maternal e primário ficaram todas sentadas no chão, em forma de círculo, e a experimentadora contava uma estória. Na sala com os alunos da primeira série, a experimentadora permanecia sentada em uma cadeira junto à mesa que ficava na frente e no centro da sala. e alunos ficaram sentados em seus respectivos lugares, sendo que foram arranjadas três cadeiras para cada duas carteiras de forma a possibilitar a filmagem. As estórias foram escolhidas de acordo com as indicações de Coelho. 1990 .

Quanto ao procedimento de tratamento e análise de dados, as informações sobre as crianças e as respectivas escolhas foram transcritas em ordem cronológica de ocorrência na sessão. Os comportamentos de escolha dos estímulos foram registrados e analisados de acordo com a frequência de escolha do estímulo, ordem de escolha e de acordo com um índice elaborado pela pesquisadora.

Neste artigo, discutiremos parte dos resultados relacionados a frequência de escolha e ordem de escolha de livro e ouvir estória (Martinez. e Gil. 2003). Em seguida será disposta a Tabela 1, com a relação das médias de escolhas de livro nas fases de EL1, EL2 e EL3 de acordo com a faixa etária dos participantes.

Tabela 1- Relação das médias de escolhas de livro nas fases de EL1, EL2 e EL3 de acordo com a faixa etária dos participantes.

Idade	EL1	EL2	EL3	Ouvir estória
2	2	0,2	0,9	0
3	4	2	3	1
4	0,1	0,9	3	0,1
5	2	2	1	2
6	2	2	2	0,3
7	1	0,7	1	0,7

Constata-se na Tabela 1, que as médias de comportamento de escolha de livro diminuíram da fase EL1 para EL2 e da fase EL1 para EL3 e aumentou de EL2 para EL3 para a faixa etária de dois e três anos. Para os participantes de 4 anos, houve um aumento de escolha de livro da fase EL1 para EL2 e EL2 para EL3. Para os participantes de cinco, seis e sete anos, houve uma tendência em permanecer o número de escolhas de EL1 para EL2 e EL2 para EL3.

Em relação as intervenções de contar estória entre as situações de escolha livre, verifica-se que houve uma alteração nas médias de escolha de livro após as intervenções para metade dos participantes. Estas intervenções de ouvir estória podem ter influenciado no comportamento de escolha dos participantes.

..Os participantes de seis e sete anos de idade apresentaram uma percentagem menor de escolha de livros nas fases, que pode ser explicado pelo fato destes participantes terem maior acesso a livros em sala de aula do que os participantes de dois a cinco anos. As crianças na primeira série e no primário tem contato com livros infantis e livros didáticos, já que no primário as atividades de alfabetização iniciam com mais ênfase e na primeira série o processo de alfabetização deve ocorrer. Outro dado curioso é o alto índice de escolhas de ouvir estória para os participantes de três, cinco, seis e sete anos de idade. Para os participantes de dois e quatro anos, as percentagens foram as menores. Um fato ocorrido durante a intervenção de contar estória pode explicar estes resultados. Durante a sessão de contar estória I para os participantes de dois anos, algumas crianças não queriam passar o livro para a outra ver as gravuras após a pesquisadora ter contado a estória. As demais crianças que não estavam com o livro também começaram a chorar. A pesquisadora tentou conversar com a criança e verificando que não conseguiria fazer a criança parar de chorar, saiu da sala e buscou outros livros de estória, que não eram o mesmo da estória contada, e entregou um para cada criança. Nesta situação as crianças não verbalizaram nada a respeito da diferença dos livros e começaram a formar grupos de dois e três crianças mostrando as gravuras um para o outro e tentando contar a estória. Notou-se também que era necessário um tempo maior de convivência com essas crianças para que elas pudessem ter um maior aproximação da pesquisadora.

Durante a intervenção de contar estória II para as crianças de quatro anos, três alunos não ficavam sentados na roda, atrapalhando que os demais enxergassem as gravuras do livro e

conversavam alto, dificultando os demais ouvirem a estória. Passando alguns minutos a educadora outra vez interferiu na sessão chamando a atenção verbalmente “ Se vocês não pararem vão ficar de castigo e vou chamar a”, pegou um criança pelo braço e mudou sua posição na roda.

De acordo com os dados da tabela !, mesmo as crianças de dois a seis anos de idade que ainda não sabem ler, se interessaram por livros.

Ao compararmos os produtos mais escolhidos pelas escolhas de livro podemos verificar a proporção da preferência de livros em detrimento dos outros materiais e atividades.

Tabela 2- Relação das médias das escolhas de material para os participantes de três a sete anos e brinquedo para as crianças de dois anos durante as sessões de escolha livre .

Idade	Média ELI	Média a EL2	Média EL2	Média total em ELI EL2 EL3	Média de escolhas por sessão
2	8	7	7	21	7
3	11	9	12	33	11
4	5	7	9	21	7
5	13	10	9	33	11
6	8	4	5	18	6
7	8	8	5	21	7

De acordo com os dados apresentados nas Tabela 2,. os comportamentos de escolha diminuíram das fases ELI para EL2 e das fases EL2 para EL3 para a faixa etária de cinco e sete anos. Para os participantes de quatro anos, houve um aumento de escolha na fase ELI para EL2 e EL2 para EL3. Para os participantes de 2 anos, houve uma tendência em permanecer o número de escolhas de ELI para EL3. Já para os participantes de 3 anos, houve uma diminuição do número de escolhas de ELI para EL2 e uma tendência a manter o mesmo número de escolhas de ELI para EL3. Considerando a situação de EL3, o contar estória pode ter reduzido o número de escolha nas sessões, uma vez que na fase de EL3, ouvir pelo menos uma estória demora aproximadamente 7 minutos, e a escolha por livros também implica em um maior tempo de dedicação para folhear o livro.

É preciso, entretanto, considerar que esta população estava usualmente privada de material, e que escolher livros ou ouvir estórias implica em permanecer mais tempo na atividade. Assim a natureza da atividade e a novidade do primeiro contato, são variáveis que podem ter influenciado a performance do comportamento de escolha .

Ainda considerando uma possível relação entre escolha do material e duração da atividade com ele realizada, chama a atenção os dados dos participantes de 5, 6 e 7 anos. Para os mesmos as médias de escolha decresceram da fase ELI para EL2. É possível que esses resultados tenham relação com a complexidade de elaboração dos produtos pelos participantes .Para os

participantes de 6 anos, a média de escolhas foi a mais baixa de todas as situações de escolha livre e entre todas as faixas etárias. A média de escolhas foi menor para os participantes de 6 e 7 anos de idade, seguido dos participantes de 2 anos.

Verificou-se que as crianças de cinco, seis e sete anos faziam criações de desenhos e pintavam, os que sabiam escrever faziam cartões e cartaz com algumas palavras escritas, usavam mais de um tipo de material nas suas criações como lápis de cor e giz para pintar o mesmo desenho, enquanto as crianças menores, usavam uma folha para cada material, por exemplo, faziam uma criação com guache e ao trocar por outro material como caneta hidrocor pegava outra folha em branco e produziam criações sem formas definidas. Em relação aos participantes de 2 anos, o tipo de atividade com o livro (algumas crianças queriam pintar o livro), e tinham dificuldade em folheá-los mesmo sendo livros específicos para essa idade e a natureza da atividade com o brinquedo também pode ter influenciado nesta média. Nas gravações das sessões foram registradas que algumas crianças começaram a pintar sobre o livro e neste momento a pesquisadora pediu para que eles pintassem na folha em branco, já que os livros eram emprestados da biblioteca da UFSCar.

Em relação os dados quanto a posição das escolhas de livros pelos participantes, resumindo os resultados de cada faixa etária pode-se constatar que a posição de escolha mudou no sentido de ir para escolhas anteriores de EL1 para EL2 e de EL2 para EL3 ou a posição da escolha se manteve próxima a posição de escolha da fase EL1 para a maioria dos participantes independente da faixa etária

Desconsiderando a posição da mudança, em sentido anterior ou posterior, podemos constatar que houveram mudanças na posição da escolha para todos os participantes que escolheram mais de uma vez livros. Contando que houveram as intervenções de contar estória entre as situações de EL1 para EL2, e de EL2 para EL3 estas experiências de ouvir estória podem ter interferido no comportamento de escolha de materiais que ensejavam diferentes atividades por parte dos participantes.

A contribuição deste trabalho esta em demonstrar a possibilidade de identificar a preferência das crianças por materiais escolares e atividades desde o início das interações em instituição educativa como a creche, primeiramente constatando cientificamente, o que é de conhecimento do senso comum, que as crianças gostam de materiais escolares como livros, canetas, giz de cera, guache etc, e de suas atividades como a atividade de ouvir estória, pintar, desenhar, no início da vida escolar. Se esta preferência existe, podemos partir para o estudo de outras lacunas na literatura perguntando questões como ; Por que as crianças acabam se desinteressando por atividades escolares, principalmente pelos livros e em ouvir estória ? Pôr que as crianças não possuem o hábito de ouvir estórias ?.Será que as crianças, por não saberem ler, não despertam no adulto que ouvir estórias pode ser lúdico para elas ?. Nesta investigação, constatou-se também a importância do contar e ouvir estória e que está atividade além de despertar o interesse das crianças, pode influenciar no comportamento de escolha por materiais

escolares que ensejam as mais diversas atividades .As crianças quando ouvem estórias, participam, imaginam o enredo a partir da sua historia de vida e recontam, recriam, invertem as estórias gerando situações de interação entre pares e trios de crianças e entre o educador e as crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICS, A. & WAJSHOP, G. (1996). *Creches-atividades para crianças de zero a seis anos*. São Paulo. Moderna

BORDINI, MARIA DA GLÓRIA, AGUIAR, VERA TEIXEIRA (1993). Literatura: a formação do leitor. Alternativas metodológicas. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto.

COELHO, BETTY (1989) . Contar histórias: uma arte sem idade. 2.ed. São Paulo: Ática.

CUNHA, MARIA ANTONIETA ANTUNES (1997). Literatura infantil: teoria e prática. 16.ed. São Paulo: Ática.

DUPAS, MARIA ANGÉLICA (1999) A mediação da leitura. Formação de Contadores de Estória. p10 –p14 , São Carlos. UFSCar- Biblioteca Comunitária.

FONSECA, MARIA LÚCIA SANTOS (2003) *Adaptação Escolar; Como viver este momento*. UEI, UFCG. In; *III Encontro Nacional das Unidades Universitárias de Educação Infantil*. UAC, Secretaria de assuntos Comunitários da Universidade Federal de São Carlos

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL (1984). *Bibliografia analítica da literatura infantil e juvenil publicada no Brasil: 1975-1978*. Porto Alegre: Mercado Aberto.

GADELLA, VÂNIA (2003). *Relato de Experiência; Meu Pé de Feijão na UAC*. UFSCAr. In; *III Encontro Nacional das Unidades Universitárias de Educação Infantil*. UAC, Secretaria de assuntos Comunitários da Universidade Federal de São Carlos,(No prelo).

GOES, LÚCIA PIMENTEL (1984) Introdução à literatura infantil e juvenil. São Paulo: Pioneira

LAJOLO, MARISA, ZILBERMAN, REGINA. (1988) *Literatura infantil brasileira: estória e histórias*. 4.ed. São Paulo: Ática.

MACHADO, ANA MARIA (2003). *Livros Infantis como Pontes entre Gerações*. In *Revista Leitura*. Governo do Estado de São Paulo. Brasil.21(4),abr.p.36-47.

MACHADO, ANA MARIA (2002). Construindo Pontes entre Gerações. Palestra. In Congresso do Jubileu do International board on books for Young People. Basel, setembro. (no prelo).

MALBA TAHAN (1957) A arte de ler e contar histórias. Rio de Janeiro, Conquista.

MARTUCCI, ELIZABETH MÁRCIA (1999) Aprendendo a contar histórias. Formação de Contadores de História. p1-p8, UFSCar- Biblioteca Comunitária, São Carlos

MARTINEZ, Ana Paula. (2002). Preferência por tipos diferentes de matérias escolares e atividades em situação de escolha livre entre crianças do maternal a primeira série do ensino fundamental. Tese de Mestrado. Programa de pós graduação em Educação Especial. UFSCAR. São Carlos. SP

MARTINEZ, A. P.; GIL, M. S. C. A. (2003). Incentivo a leitura. Em: Relação mãe-bebê. Revista- Viver Psicologia. N. 126, Ano XI, p 16-18, Ed. Segmento, SP.

MARTINEZ, H, C, P. (1990) Relato de uma experiência de reativação de uma biblioteca escolar na periferia. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos.

MARTINEZ, M., & TEALE, W. H. (1988) Reading in a Kindergarten classroom library. The Reading Teacher, 41(6), 568-573.

PERRENOUD, P. (2000). *Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre. Artmed.

PONTES, GILVÂNIA M. D. (2003) Vivências teatrais na escola infantil. NEI (Núcleo de Educação Infantil), UFRN. In: *III Encontro Nacional das Unidades Universitárias de Educação Infantil*. UAC, Secretaria de assuntos Comunitários da Universidade Federal de São Carlos, (No prelo).

RAUPP, MARILENE DANDOLINI. (2002). *A Educação Infantil nas Universidades Federais; questões, dilemas e perspectivas*, Dissertação de Mestrado- Centro de Ciências da Educação da Universidade de Santa Catarina. Florianópolis

REALI, A. M. DE M. R.; TANCREDI, R.M.S.P., (2002). Interação Escolas- Famílias; Concepções de Professores e práticas pedagógicas.. Em: Formação de Professores, Práticas Pedagógicas e Escola. Organizado por Maria da Graça Nicoletti MizuKami, Aline Maria de Medeiros Rodrigues Reali. São Carlos. EDUFSCar, p 73-98.

REYES, CLAUDIA R.(2002) Sobre o que falam as crianças em suas histórias:refletindo sobre a escola e a aprendizagem da lingua. Em; Aprendizado Profissional da Docência; Saberes e Práticas Organizado por Maria da Graça Nicoletti MizuKami e Aline Maria de Medeiros Rodrigues Reali. São Carlos. EDUFSCar, p 291-320

ROCHA, MARIA JOSÉ DA S E LULA, ELZIMAR FERREIRA (2003).Curso direitos Humanos e Combate ao Racismo; Trabalhando diferenças étnicas na creche. (2003). UAC, UFSCAR. In; *III Encontro Nacional das Unidades Universitárias de Educação Infantil*. UAC, Secretaria de assuntos Comunitários da Universidade Federal de São Carlos, (No prelo).

SANTOS , S.M.P. (1998).Brinquedoteca ? O lúdico em diferentes contextos; Petrópolis. Ed. Vozes.

SILVEIRA, DÉBORA DE B.; ABRAMOWICS, ANETE (2002). A Apequenização das Crianças de Zero a Seis Anos: Um Estudo Sobre A Produção De Uma Prática Pedagógica. In; Formação de Professores, Práticas Pedagógicas e Escola. Organizado por Maria da Graça Nicoletti MizuKami, Aline Maria de Medeiros Rodrigues Reali. São Carlos. EDUFSCar, p 51-71

WORNICOV, RUTH (1986). *Criança leitura livro*. São Paulo: Nobel,.

ZILBERMAN, REGINA (1982). A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 1982..(org.) A produção cultural para a criança. Porto Alegre: Mercado Aberto